

O ensino de Geografia e a pandemia da Covid-19: Um estudo de caso sobre a Escola Estadual Pedro Lessa

Geography teaching and the Covid-19 pandemic: a case study on the Pedro Lessa State School

Larissa Pereira Arantes¹

Introdução

No início do ano de 2020, o vírus da Covid-19 foi o responsável por uma pandemia mundial, a qual ocasionou diversas mudanças no mundo, desde sanitárias até de convivência. Tais alterações tentavam conter a propagação do vírus que possuía características altamente contaminantes e que levaram à morte de milhões de pessoas.

Para evitar a contaminação, escolas foram fechadas, e com isso as aulas precisaram ser readaptadas para o ensino remoto. Essas mudanças trouxeram muitas questões para o ensino, em especial a disciplina de Geografia, por ser composta de conteúdos muito dinâmicos e participativos, o que faz com que a interação dos alunos com o conteúdo seja necessária para um completo entendimento do assunto. Com o ensino à distância (EaD), essas práticas ficaram muito comprometidas e isso gerou consequências para ambos os lados, tanto para alunos quanto para professores, tendo uma enorme defasagem nos conteúdos dessa ciência.

Além do novo formato de ensino já ser diferente, a falta de internet e de dispositivos eletrônicos foi um agravante para a situação, visto que eram essenciais para o funcionamento dessa modalidade, principalmente no estado de Minas Gerais, onde foram implantados programas virtuais de ensino, ou seja, os estudantes dependiam do acesso à tecnologia para continuarem seus estudos. Outro ponto importante é a falta de apoio por parte dos pais, visto que

¹ Graduanda em Geografia pela Universidade Federal de Viçosa, bolsista e residente do Programa Residência Pedagógica. E-mail: larissa.arantes@ufv.br.

muitos não possuíam disponibilidade para ajudar nas tarefas escolares, deixando o aluno com a responsabilidade de realizar seus deveres de forma individual e autônoma. Diante desses fatores, a saúde mental dos discentes ficou comprometida, acrescido pelo fato da ausência de contato entre professores e alunos, questão importante para o processo de ensino e aprendizagem, que acarreta na subjetividade dessa relação.

A partir disso, esse trabalho visa investigar quais foram essas consequências educacionais e pedagógicas que o EaD causou nos alunos da Escola Estadual Pedro Lessa, da cidade de São Miguel do Anta-MG, com foco na disciplina de Geografia, se baseando no seguinte problema: quais consequências educacionais e pedagógicas a pandemia da Covid-19 deixou para os alunos na disciplina de Geografia?

A instituição de ensino em questão é localizada na área central do município de São Miguel do Anta, em Minas Gerais, sendo, portanto, uma escola urbana. Funciona nos três turnos, com turmas de ensino fundamental II, ensino médio e cursinho pré-vestibular, possuindo a educação em tempo integral para os alunos do 1º, 2º e 3º anos do ensino médio. A escola possui uma infraestrutura de destaque e com muitos equipamentos e laboratórios à disposição dos estudantes, além de um grande corpo docente. Outro ponto, é a proximidade da comunidade com a instituição, o que faz com que parcerias e projetos em conjunto sejam desenvolvidos, visando a manutenção dessa relação.

Justificativa

A partir da análise e da observação dos alunos da Escola Estadual Pedro Lessa, na disciplina de Geografia, constatou-se haver uma defasagem de conhecimento de conteúdo geográfico básico após o período da pandemia, como conceitos-chave para o entendimento de temas, e até mesmo o não conhecimento cartográfico do próprio município em que residem. Com isso,

evidencia-se a necessidade de pesquisar e entender as questões educacionais ocasionadas pelo ensino à distância.

Além disso, com o atraso educacional em que os discentes, de uma maneira geral se encontram, é necessário entender as dificuldades e as lacunas a serem preenchidas nos conhecimentos geográficos dos estudantes, visto que, com o estudo dessas questões, torna-se possível a criação de uma estratégia para combater as consequências ocasionadas por essa modalidade de ensino.

Com isso, para a Geografia, esse trabalho contribuirá com as consequências identificadas, facilitando assim a criação de soluções para a melhoria da educação e de combate às dificuldades encontradas devido à pandemia, visto que a educação do país, de uma maneira geral, se encontra com lacunas a serem preenchidas.

Objetivos

O objetivo geral deste trabalho é investigar as consequências educacionais e pedagógicas que a pandemia da Covid-19 deixou para os alunos na Escola Estadual Pedro Lessa, na disciplina de Geografia. Para isso, pretende-se, de forma específica:

- Analisar os instrumentos e recursos pedagógicos utilizados durante as aulas ministradas ao longo do confinamento/aulas online;
- Identificar e compreender a perspectiva dos docentes de Geografia acerca das aulas e atividades desenvolvidas durante o EaD;
- Entender a perspectiva dos alunos em relação ao ensino remoto;
- Entender a perspectiva dos pais em relação ao ensino remoto.

Fundamentação teórica

Em 17 de março de 2020, o Ministério da Educação, por meio da Portaria nº 343 possibilitou a substituição das aulas presenciais por aulas remotas, devido à situação que o país e o mundo se encontravam com a chegada do vírus da Covid-19. Essa medida fez com que o ensino não ocorresse mais nas escolas, e sim em casa, o que trouxe diversos impactos na vida dos estudantes e dos professores.

Com a implantação do ensino a distância, muitos estudantes se viram despreparados para enfrentar essa nova modalidade, pois a falta de recursos e estrutura para o acompanhamento das aulas era a realidade de grande parte dos brasileiros. Ademais, os professores também se viram em um momento de dificuldade, visto que havia uma carga de trabalho ainda maior, além da necessidade de adaptação ao meio digital. Todos esses fatores fizeram com que o processo de educação no Brasil durante a pandemia fosse difícil e defasado, gerando resultados negativos para os estudantes, segundo pesquisa feita por Coelho e Oliveira (2020).

A Geografia, como uma disciplina que busca compreender a dinâmica social e espacial que transforma o espaço geográfico e que estuda os diferentes fenômenos que constituem as paisagens de diferentes lugares e territórios (Martins, 2010 apud Juniors, 2021), necessita ser trabalhada em um espaço físico para facilitar a compreensão desses conteúdos. Além disso, é uma ciência que utiliza de trabalhos de campo e laboratórios como ferramenta de ensino, pois através deles o aprendizado se torna mais dinâmico e fácil de se compreender, além da possibilidade de apresentar o conteúdo de uma maneira mais completa. Com isso, diversos são os problemas encontrados ao transpor as aulas de Geografia para o remoto sem um devido planejamento e uma adequação à modalidade de ensino.

Afirmamos que as aulas remotas não podem ser comparadas às presenciais por saber que, em meio aos atropelos de querer manter suposta normalidade, instituições alegam ter havido “apenas” a transposição do real para o virtual. Não é mero detalhe. Entendendo as

relações de ensino e aprendizado a partir das interações humanas, fica claro que, ao suprimir o espaço físico, altera-se substancialmente as conduções, os tipos de problemas enfrentados, os atravessamentos, são outros. Boa parte da subjetividade dilui-se pelo filtro das telas e dos microfones (Ferreira; Barbosa, 2020, p. 7 apud Junior, 2021).

A educação é um processo interativo de formação, ou seja, durante o processo de aprendizado a interação entre o aluno e professor, e os alunos entre si, é essencial. É uma questão coletiva e que necessita de trocas, que são facilitadas pelo contato físico. Tal ação ficou impossibilitada na pandemia, tendo o contato sido restringido somente às telas. Na sala de aula, o educador consegue analisar os discentes e compreender suas dúvidas e dificuldades, enquanto no remoto isso se torna um desafio, visto que o único contato é por uma janela que, em algumas vezes, sequer é possível de enxergar e ouvir o aluno, que se sente acuado a participar devido a insegurança desse novo meio de ensino.

Por se tratar de um momento de novidade na questão educacional com a implementação do ensino remoto, e de recolhimento, a fim de evitar a propagação e contaminação dessa doença, os estudantes se viram em momentos de incertezas. Essas mudanças foram radicais para o estilo de vida antes vivido por todos, o que gerou consequências para a saúde mental desses discentes. Segundo Guilherme Polanczyk (2020):

Todas as crianças e adolescentes neste momento se deparam com situações que geram sofrimento. A limitação de não poder ir e vir, a restrição de espaço, não poder encontrar ou abraçar seus avós, não poder encontrar seus amigos, ter festas, viagens e campeonatos cancelados, o medo de ser infectado ou de ter seus familiares infectados, a interrupção do ensino presencial, a percepção de que seus pais estão ansiosos, preocupados, irritados, as brigas, são todas situações que geram estresse no momento (Polanczyk, 2020, não paginado apud Azevedo, 2020, p. 219).

Segundo um estudo realizado com escolas estaduais e municipais do estado de São Paulo, de outubro a dezembro de 2020, 10,5% dos estudantes apresentaram triagem positiva para sintomas depressivos graves e 47,5% para

sintomas ansiosos graves. De acordo com essa pesquisa, o tempo de exposição às telas e a inversão do horário de sono, são fatores que prejudicam a saúde mental (Vazquez, 2022).

Com isso, pode-se entender a fragilidade emocional e psicológica que os alunos se encontravam, pois não tinham mais contato com os companheiros de turma, não frequentavam mais o ambiente escolar e sequer viam familiares. Tudo isso além do novo modelo de ensino, que era enfrentado sozinho por muitos estudantes, sem qualquer tipo de apoio dos responsáveis. Essas questões abalaram os discentes, que se viram perdidos e com dúvidas, sem terem o suporte necessário para enfrentarem todo esse processo.

Além disso, outro fator prejudicial nesse momento foi a enorme desigualdade social presente no país, que dificultou o acesso de vários estudantes a aparelhos tecnológicos e à internet. Segundo o IBGE, cerca de 79,5% da população brasileira possuía acesso à internet no ano de 2019, ano que antecedeu o início da pandemia. Esse percentual demonstra que ainda havia um grande número de pessoas que não possuíam conexão com a internet em casa, ou seja, muitos sequer conseguiram acessar os conteúdos disponibilizados.

Além do percentual de usuários, outra forma de medir o acesso é a identificação da proporção de residências conectadas (isto é, conexão em casa excluindo-se acesso por celular). Este índice demonstra qual o grau de exposição dos usuários a um tipo de acesso mais estável, privativo e doméstico, que representa melhores experiências de navegação, sendo um sinal de enraizamento do acesso nos lares. O percentual de moradias conectadas também chega à metade: entre 48 e 49% das residências brasileiras possuem o serviço (GGI.Br, 2014) (Silva, 2015, p. 153 apud Azevedo, 2020, p. 222-223).

Outro fator importante é o acesso à tecnologia, mais uma vez impactado pela desigualdade social. Para o aluno conseguir ter acesso às aulas remotas é necessário ter um celular, um tablet ou um computador que tenha acesso a internet, porém há um grande número de estudantes que não possuem nenhum desses aparelhos, ou que possuem aparelhos ruins e já antigos, sem

características suficientes para garantir um acesso de qualidade. Essa característica social do Brasil fez com que muitos alunos ficassem impossibilitados de continuar seus estudos, ou continuavam da forma que conseguiam e que seus aparelhos e internet suportavam. Essa questão gerou um atraso e uma desigualdade educacional no país.

Segundo dados do Ministério das Comunicações (2021), o celular é o aparelho mais utilizado para acessar a internet, e o mais presente na casa dos brasileiros. Com isso, os estudantes ficaram reféns desse instrumento, que possui funcionalidades básicas quando comparado a um computador, para estudarem e realizarem suas pesquisas. Além de usufruírem do aparelho para outras funções, como jogar e acessar redes sociais, o que causa a distração durante o momento de estudo. Segundo pesquisa realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (2020), no Brasil, 39% dos lares não possuem computadores (TIC Domiciliar, 2020; Carvalho, 2021), o que confirma a utilização em massa de celulares para o acesso aos conteúdos educacionais.

Além disso, foram criadas estratégias para garantir a manutenção da educação da forma mais eficiente possível, mesmo com os alunos em casa. No caso de Minas Gerais, estado onde está localizada a escola que será feita a pesquisa, foi realizado um programa, que foi dividido em três partes: Conexão Escola, o Plano de Estudos Tutorados (PET) e o Programa Se Liga na Educação (Coelho; Oliveira, 2020). O primeiro é um aplicativo onde foram disponibilizadas videoaulas dos conteúdos das disciplinas, o segundo os PET's, que eram cadernos de atividades disponíveis para download, onde o aluno realizava as tarefas após assistir a aula dos conteúdos. O último, é um programa de teleaula disponibilizado pela Secretaria Estadual de Educação.

Porém, esses programas não surtiram os efeitos programados, pois diversos alunos reclamaram que não conseguiram aprender nesse tempo, seja pela falta de ajuda, pelo desinteresse pelas aulas, pelo mal funcionamento das ferramentas disponibilizadas (não entravam, fechavam sozinha, ocorriam

muitos travamentos, entre outros problemas relatados) ou pelas diversas outras dificuldades encontradas. Poucos são os elogios e resultados positivos encontrados a respeito da educação estadual mineira durante a pandemia (Coelho; Oliveira, 2020).

Outro fator relevante nesse processo foi a falta de apoio dos pais nos estudos, visto que muitos trabalhavam o dia todo e não tinham tempo para se dedicarem a essa tarefa, pois ao chegarem em casa tinham os afazeres domésticos e outras questões a serem resolvidas. Ademais, devido a desigualdade social do país, muitos sequer possuíam conhecimento para auxiliar os filhos nas atividades. Com isso, os estudantes dependiam somente do disponibilizado pelo professor nas plataformas, ficando com dúvidas e não absorvendo o conteúdo da forma que poderiam, além do acesso precário às plataformas disponibilizadas para estudos ao longo desse período.

Diante do exposto, observou-se no Brasil uma queda na taxa de escolarização, que é o percentual de pessoas de 6 a 14 anos que frequentam escola em relação ao total de pessoas do mesmo grupo etário. Segundo o IBGE, em 2018 esse valor era de 99,3%, em 2019 subiu para 99,7% e em 2022 caiu para 99,4%. Ou seja, o número de estudantes que abandonaram a escola no período de pandemia cresceu, seja devido às dificuldades já citadas anteriormente, pela necessidade de trabalhar ou até mesmo pelo enfraquecimento da conexão com a instituição escolar, o que ocorreu de forma intensa durante esse período, seja pela dificuldade econômica que a população enfrentou e pela falta de incentivo e de compreender a necessidade de estudar.

Portanto, observa-se como foram diversos os obstáculos enfrentados pelos estudantes durante o ensino a distância, gerando consequências para o processo de aprendizagem. Com isso, esse projeto busca entender quais são essas consequências sofridas pelos discentes ao longo desse período, compreendendo as dificuldades e novidades que esse período trouxe para o ensino de uma maneira geral.

Metodologia

Para atingir os objetivos propostos pelo trabalho, algumas práticas serão necessárias. Visando um maior entendimento da situação durante as aulas remotas, faz-se necessário uma análise dos recursos utilizados nesse período de pandemia, como os planos de aulas e as adaptações realizadas ao transpor o ensino para o remoto, a fim de compreender as situações enfrentadas e as medidas tomadas pela escola.

Com isso, busca-se fazer uma análise de caso da Escola Estadual Pedro Lessa, de forma qualitativa, visando identificar as possíveis consequências da pandemia no ensino de Geografia para os discentes da instituição. Para isso, serão realizadas entrevistas com professores de Geografia, alunos da instituição e seus respectivos responsáveis, buscando compreender o entendimento que esses grupos possuem acerca do desenvolvimento do ensino ao longo desse momento, que foi de novidades e impasses.

O estudo de caso se caracteriza como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Visa ao exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular. [...] Tem por objetivo proporcionar vivência da realidade por meio da discussão, análise e tentativa de solução de um problema extraído da vida real. Enquanto técnica de ensino, procura estabelecer relação entre a teoria e a prática (Godoy, 1995, p. 25).

Com os estudantes, a entrevista será realizada por meio de rodas de conversa e discussões, buscando deixá-los livres para expressarem suas opiniões e contarem suas experiências. Serão selecionados três grupos de alunos, de forma aleatória, entre as turmas do 6º ano do ensino fundamental II ao 3º ano do ensino médio, sendo cada grupo composto por 10 pessoas. O roteiro, para esse momento, seria seguido de acordo com temas, não se restringindo a perguntas específicas, ou seja, se desenvolveria de acordo com que os assuntos fossem surgindo, mas abordando o necessário para a pesquisa.

Já os responsáveis responderiam um questionário, com perguntas objetivas e que explorem a experiência de acompanhar um discente em casa

durante os estudos ao longo da pandemia. Para isso, o questionário será entregue impresso e recolhido de forma presencial, buscando a participação voluntária dos responsáveis que se sentirem confortáveis a participar e garantindo o anonimato de todos os que se dispuserem a colaborar com a presente pesquisa.

Enquanto a entrevista com os professores, serão selecionados todos aqueles formados em Geografia e que ministram a disciplina na instituição, além disso, que tenham trabalhado no período da pandemia, visando a contribuição desses profissionais com o compartilhamento da experiência adquirida nesse tempo. A partir disso, serão realizadas perguntas previamente elaboradas e que buscam compreender as condições que esse profissional enfrentou no ensino remoto e as medidas tomadas para auxiliar nesse processo de ensino e aprendizagem. É importante ressaltar que ao longo das entrevistas, tudo será gravado com o consentimento de todos os participantes, para garantir um material para futuras consultas, tendo a veracidade da fala dos participantes, evitando distorções e opiniões mal interpretadas.

Com isso, busca-se relacionar os dados obtidos através da investigação dos materiais disponibilizados pela Escola Estadual Pedro Lessa, juntamente com a análise das entrevistas e questionários, e a revisão bibliográfica. A partir disso, analisar os impactos e questões que a prática do ensino remoto na pandemia causou aos estudantes da escola do município de São Miguel do Anta, na disciplina de Geografia.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, S, C. A Educação sem Escola: O Ensino Remoto Emergencial, a Função Social da Educação e a Desigualdade Social. In: Análises Geográficas Sobre o Território Brasileiro: Dilemas Estruturais à Covid-19. / Flamarion Dutra Alves, Sandra de Castro de Azevedo (Organizadores) - Alfenas, MG - Editora Universidade Federal de Alfenas, 2020. Acesso em: 19/06/2023.

CARVALHO, FRANCILENE RODRIGUES. O ensino da geografia em meio a pandemia da COVID- 19, as dificuldades enfrentadas por professores e alunos.

2021. 23 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2021. Disponível em: <<http://umbu.uft.edu.br/handle/11612/4628>>. Acesso em: 23/05/2023.

Celular segue sendo como o aparelho mais utilizado para acesso à internet no Brasil. Disponível em: <<https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2022/setembro/celular-segue-como-a-parelho-mais-utilizado-para-acesso-a-internet-no-brasil#:~:text=Segundo%20os%20resultados%20do%20m%C3%B3dulo,domic%C3%ADlios%20com%20acesso%20%C3%A0%20Internet.>>. Acesso em: 29/06/2023.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. Revista de Administração de empresas, v. 35, p. 20-29, 1995. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?lang=pt>>. Acesso em: 10/10/2023.

INES FIALHO COELHO, J.; RICARDO DE OLIVEIRA, B. O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO REMOTA EM MINAS GERAIS: UMA ANÁLISE DOS EFEITOS DA IMPLEMENTAÇÃO DO REGIME DE ESTUDOS NÃO PRESENCIAIS. Revista de Ciências Humanas, [S. l.], v. 2, n. 20, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/11653>>. Acesso em: 23/05/2023.

JUNIORS, LUIZ MARTINS. O ensino de Geografia na educação básica em tempos de pandemia - Covid-19. Revista Humanidades e Inovação, v.8, n.61, 03, 2021. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4022>>. Acesso em: 16/05/2023.

OLIVEIRA, V. H. N. (2021). Como fica o ensino de Geografia em tempos de pandemia da Covid-19?. *Ensino Em Perspectivas*, 2(1), 1-15. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/457>>. Acesso em: 16/05/2023.

Painel de Indicadores. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/indicadores.html>>. Acesso em: 29/06/2023.

VAZQUEZ, Daniel Arias et al. Vida sem escola e saúde mental dos estudantes de escolas públicas na pandemia de Covid-19. *Saúde em Debate*, v. 46, p. 304-317, 2022. Acesso em: 16/05/2023.